
Cartas em trânsito: edição e circulação de Françoise Ega entre França e Brasil

Ana Clara Lima Ribeiro¹

Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-MG

RESUMO

Este artigo propõe uma análise comparativa da recepção do livro *Cartes à une noire*, de Françoise Ega, na França e no Brasil. Pretende-se, investigar o papel da edição como mediação fundamental na construção de sentido e na ativação de um diálogo entre autoras como Françoise Ega e Carolina Maria de Jesus, destacando o processo de edição como um fenômeno atravessado por dinâmicas simbólicas, políticas e culturais que ultrapassa as barreiras linguísticas. Identificou-se que a edição brasileira, introduzida por um posfácio que aproxima Ega de Carolina Maria de Jesus, tem números de avaliações e resenhas significativamente menores que a edição em francês. A análise se apoia no conceito de campo de Pierre Bourdieu (1993) sob a perspectiva transnacional de Gisèle Sapiro (2019) e revela que estratégias editoriais e elementos de mediação cultural são fundamentais para o sucesso da obra em diferentes mercados.

PALAVRAS-CHAVE

Edição; mercado editorial; campo literário; recepção.

1. INTRODUÇÃO

A circulação de obras literárias entre diferentes países e contextos é condicionada por dinâmicas de poder e decisões editoriais que mediam a construção de seu valor simbólico. Longe de ser um processo neutro, a internacionalização de uma obra envolve disputas por reconhecimento que moldam seus sentidos e seu alcance. Textos produzidos há décadas podem permanecer à margem em seus contextos de origem, sendo recuperados apenas quando determinadas mediações viabilizam sua inserção em novos mercados e campos literários que permitem a determinados textos ressoarem e se fixarem na memória de um grupo específico (Halbwachs, 2004).

Cartas a uma negra é um romance epistolar autobiográfico escrito entre 1962 e 1964, publicado na França pela primeira vez em 1978, e, no Brasil, em 2021. As cartas que compõem o livro foram endereçadas a Carolina Maria de Jesus, autora brasileira

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do CEFET-MG. Linha IV: Tecnologias da Edição. Email: anaribeiroun@gmail.com

conhecida por denunciar, em suas obras, desigualdades sociais e raciais. A partir desse contexto transnacional, este artigo examina diferenças entre a circulação e recepção do livro *Cartas a uma negra* na França e no Brasil, com o objetivo de investigar como a prática editorial atua na produção na promoção de um diálogo entre autoras como Françoise Ega e Carolina Maria de Jesus.

O conceito de campo, proposto por Pierre Bourdieu (1993), oferece um importante instrumento teórico para entender a circulação de obras literárias ao afirmar que o campo configura-se como um espaço social relativamente autônomo, onde agentes disputam posições e capital simbólico². Essa disputa, marcada por relações de poder e estratégias de legitimação, determina o que é considerado digno de circulação. A análise do campo literário permite, portanto, enxergar como processos editoriais atuam como mecanismos que moldam a construção do valor simbólico de um texto, especialmente quando este atravessa fronteiras culturais e linguísticas.

Para entender melhor as dinâmicas dos campos literários brasileiro e francês no que diz respeito ao livro *Cartas a uma negra* – ou ainda, em seu idioma original, *Lettres à une Noire* – foi adotada uma metodologia quali-quantitativa. Inicialmente, realizou-se o levantamento das avaliações disponíveis nas principais plataformas de leitura de cada país, que foram comparadas a fim de mapear as diferenças na quantidade e na natureza das avaliações. Essa escolha metodológica se justifica pelo uso crescente das plataformas digitais de leitura, que se configuram como um meio relevante para compreender aspectos da circulação de obras literárias. Complementarmente, foram incorporadas reflexões a partir da aplicação do conceito de campo em um contexto transnacional (Sapiro, 2019) para a consolidação do sistema literário (Candido, 2004), de modo a articular os dados empíricos com as dinâmicas socioculturais que condicionam a circulação da obra.

2. AS PALAVRAS DE EGA PARA CAROLINA

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em Minas Gerais, e obteve destaque por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, publicado pela primeira vez

² Capital simbólico refere-se ao prestígio, reconhecimento ou autoridade socialmente conferidos a um agente, que funcionam como uma forma de poder legitimado pela percepção coletiva (Bourdieu, 1996).

em 1960. A publicação revolucionou o campo literário brasileiro ao vender 100 mil exemplares em poucos meses, tornando-se um best-seller. Traduzida para 14 idiomas e publicado em 40 países, a obra aborda abertamente a pobreza e a situação de insalubridade enfrentada pelos habitantes das favelas, incluindo Carolina, bem como o racismo descarado no Brasil na década de 1960 (Siqueira, 2022). Françoise Ega, assim como Carolina, é uma mulher negra e latino-americana: nasceu e viveu parte da vida em Martinica, antes de imigrar para a Marselha, na França, como muitas outras antilhanas negras fizeram no século XX.

Ao longo das cartas endereçadas a Carolina em *Cartas a uma negra*, vemos a autora brasileira assumir o papel de confidente, enquanto Ega descreve suas experiências trabalhando como empregada doméstica em casas de mulheres brancas, sua dinâmica familiar com o marido e os quatro filhos, as dores de suas amigas também imigrantes e seu sonho de publicar seus escritos se tornar uma escritora conhecida. Sua escrita é constantemente atravessada pelas condições de sua existência como mulher negra, imigrante e pobre, e, à medida que avançamos na leitura, percebemos como suas vivências e angústias se aproximam das de Carolina Maria de Jesus, embora as duas estejam separadas por um oceano. A autora inicia a primeira carta com um desabafo que estabelece imediatamente essa conexão transatlântica:

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos se agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça. (Ega, 2021, p. 5)

Ega só tem privacidade no período da noite, quando as crianças estão dormindo, e escreve as cartas consciente de que provavelmente jamais será lida por sua destinatária. Ainda assim, a figura de Carolina a impulsiona a não desistir da escrita:

Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto, dizendo: “De que adianta escrever?”. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. (Ega, 2021, p. 12)

As cartas de Ega, mesmo marcadas pela fragmentação e pelo cotidiano exaustivo, constroem um testemunho poderoso sobre a vida das mulheres negras nas

margens das metrópoles europeias. Além das demandas incessantes da vida doméstica, que restringem seu tempo e espaço para a escrita, Ega lidava com patroas que sequer a chamavam pelo nome e pediam que ela realizasse tarefas exaustivas. Em sua narrativa, ela expõe como a burguesia francesa submetia as mulheres antilhanas a condições precárias e as descartava quando deixavam de ser úteis para esse sistema de exploração.

Em *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus se pergunta se os pobres de outros países sofrem como os do Brasil (Jesus, 1960). Sem saber, Ega responde a essa pergunta de forma pessoal e contundente, narrando a violência cotidiana enfrentada pelas imigrantes na França metropolitana e estabelecendo uma aliança com sua interlocutora, afirmando a centralidade da escrita como forma de existir e resistir.

3. PANORAMA DA RECEPÇÃO FRANCO-BRASILEIRA

A edição brasileira de *Cartas a uma negra* foi publicada pela editora Todavia, em 2021, com posfácio do tradutor Vinícius Carneiro e Maria-Clara Machado. Fundada em 2016, a Todavia tem se tornado cada vez mais conhecida por publicar uma variedade de autores contemporâneos e por acumular prêmios e indicações, como *Sem despedidas*, que venceu o Prêmio Nobel da literatura 2024, e *Torto Arado*, que garantiu os prêmios Leya (2018), Oceanos (2020) e Jabuti (2020). Conforme a página inicial de seu site, seus criadores queriam construir uma “editora que pudesse encontrar a mais alta ressonância entre leitores e crítica sem abdicar da crença nas obras literárias como a principal ferramenta para a tradução do mundo.” (Todavia, 2025)

Antes de iniciar as análises, mapeou-se também todas as edições de *Cartas a uma negra* produzidas na França desde a primeira vez que o livro foi publicado. Foram identificadas 3 edições: a versão original, de 1978, publicada pela editora L'Hamarttan; uma edição publicada em 2021 pela editora Lux, com prefácio da filósofa e teórica feminista Elsa Dorlin e uma mais recente em 2025, pela editora Gallimard, com prefácio do escritor Daniel Pennac e um posfácio também de Elsa Dorin. Para a coleta de dados das análises, selecionou-se as duas plataformas digitais de leitura mais

utilizadas em cada país, para em seguida verificar o número de resenhas e avaliações de cada livro: o Skoob, no Brasil, e o Babelio, na França.³

Fundado em 2009 por Lindenberg Moreira e Viviane Lordello, o Skoob se descreve, em seu site e aplicativo, como a “maior rede social do Brasil, criada especialmente para quem ama ler” e conta com 10 milhões de leitores, 2 milhões de livros cadastrados e 1,3 milhão de visitantes por mês (Sobota, 2024). A plataforma permite que os internautas adicionem os livros cadastrados às suas estantes, atribuam etiquetas como “Favorito” ou “Abandonado” e registrem históricos de leitura e avaliações.

O Babelio, criado em 2007, funciona de forma parecida: usuários podem adicionar os livros a bibliotecas pessoais, extrair citações, fazer resenhas e classificar as leituras. O site registrou 1.860.000 inscritos em 2024 e recebe cerca de 4,4 milhões de visitas mensais (Babelio, 2024). Além disso, os dois sites têm em comum o caráter colaborativo: os próprios usuários cadastram novos livros e interagem com eles e uns com os outros, criando uma rede comunicativa de trocas de experiências literárias.

Elaborou-se a Tabela 1 para visualização dos dados quantitativos.

Tabela 1: Dados quantitativos nas plataformas digitais de leitura

	Skoob 	Babelio 
Avaliações	438	34
Resenhas	83	6
Média das avaliações	4,3	3,5
Menções a Carolina Maria de Jesus	65	2

Fonte: Autora (2025)

³ Segundo Castells (2012), as redes sociais na internet funcionam como representações de relações afetivas e informacionais entre indivíduos que compartilham interesses comuns. Nessas plataformas voltadas à leitura, os usuários não apenas registram suas leituras, mas também avaliam, comentam, recomendam livros e interagem com outros leitores, criando uma rede de significados em torno das obras. Assim, o Skoob e o Babelio constituem plataformas como espaços de mediação simbólica em que preferências literárias são socializadas e reforçadas, permitindo observar padrões de engajamento e visibilidade de determinados títulos.

A versão francesa de *Cartas a uma negra* tem, no Babelio, 34 avaliações e 6 resenhas, enquanto a edição brasileira tem, no Skoob, 438 avaliações e 83 resenhas. A média das avaliações do Babelio é 3,85, e a do Skoob, 4,3 estrelas. Em 65 das 83 resenhas brasileiras há menções a Carolina Maria de Jesus ou ao seu livro *Quarto de Despejo*, enquanto nas resenhas francesas são apenas duas menções. Além do volume mais elevado de interações, a média de avaliação no Brasil (4,3 estrelas) é também superior à registrada na França (3,85 estrelas), o que sugere não apenas um maior engajamento com a obra, mas também uma recepção mais positiva entre os leitores brasileiros.

Ao ler as resenhas, identificou-se também que as resenhas francesas são objetivas, e, as menções a Carolina, inexpressivas:

Ela finge estar escrevendo para uma ativista brasileira chamada Carolina Maria de Jesus, mas seu principal objetivo é anotar todos os pequenos acidentes de sua vida cotidiana. É, portanto, um testemunho puro e simples sobre a experiência que ela teve sozinha por quase dois anos. (Usuário⁴ do Babelio, 2021)

Chama a atenção que o usuário francês diz que Ega “finge” escrever para Carolina. O verbo aponta para certo nível de ceticismo, uma distância não apenas física de Ega e de Carolina, mas também emotiva, que entende a escrita da carta para a autora brasileira como um ato performativo. As menções a Carolina nas resenhas do Skoob têm uma natureza mais sentimental:

Sim, sensível, essa é a palavra que melhor descreve essa leitura na minha opinião, comecei esse livro sem saber do que se tratava. E que experiência espetacular, foi uma leitura onde eu conseguia sentir os sentimentos da Maméga, e me senti abraçada por ela, me senti uma de suas amigas, me senti a Carolina. Ah! Carolina, se você lesse... (Usuário do Skoob, 2023).

Outro ponto recorrente nas resenhas brasileiras é a identificação. Um usuário escreve que “Narrando as dores compartilhadas por antilhanas e brasileiras, Ega fala de minha mãe e minhas tias. Fala da luta diária contra um sistema racista, classista e machista. E fala do poder que nossos sonhos e nossas raízes têm sobre nossas ações (Skoob, 2024)”. A experiência de reconhecimento é reforçada em outros relatos:

⁴ As identidades dos usuários do Skoob e do Babelio foram anonimizadas para resguardar sua privacidade, conforme os princípios éticos da pesquisa e a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018).

Apesar de essa ser uma obra francesa, a brasilidade está presente. Não só pela questão da protagonista escrever cartas para a Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo*, mas porque as situações que ela vive, se parecem com as de Carolina e também com a de milhares de outras empregadas domésticas no Brasil e no mundo. (Usuário do Skoob, 2023)

A relação que parece se estabelecer entre os leitores do Brasil e a escritora Françoise Ega é de carinho e afeto. No início do livro, a autora sugere que, por suas semelhanças com Carolina, as duas seriam irmãs. As resenhas do Skoob demonstram que muitos dos leitores brasileiros sentem como se Ega fosse parte de suas próprias famílias também. Essa sensação de proximidade revela uma leitura que extrapola o plano literário e se posiciona em um campo afetivo e relacional: a autora é percebida não apenas como uma narradora distante, mas como alguém que compartilha dores e vivências próximas às de muitas leitoras brasileiras, especialmente mulheres negras. Essa identificação está relacionada a um reconhecimento imediato das experiências que ressoam em um contexto brasileiro de desigualdade social e racial que existe até hoje.

Cabe mencionar que, perto da publicação do livro no Brasil, a editora Todavia fez uma postagem em seu Instagram, anunciando o lançamento, e recebeu mais de oitenta comentários. Em 2024, o livro foi selecionado no Programa Nacional do Livro Literário, e passou a compor o currículo de aulas de Português e Literatura do Ensino Médio. Nenhuma das editoras francesas divulgou o lançamento de *Lettres a une noire* em suas redes sociais e não foram encontrados registros que indiquem que o livro esteja incluído em programas escolares nacionais da França. Esses dados demonstram a amplitude da circulação de *Cartas a uma negra* no Brasil quando comparada com a circulação francesa, denunciando dinâmicas desiguais de circulação literária que são atravessadas por escolhas editoriais, políticas culturais e relações de legitimação literária fortalecidas pelo sentimento de pertencimento.

4. A CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DE *CARTAS A UMA NEGRA*

A recepção de uma obra está diretamente ligada ao repertório de referências culturais e literárias que cada leitor carrega. Sua compreensão não se dá apenas pela relação com o texto escrito ou com o livro enquanto objeto, mas também pelas conexões que a obra estabelece com outras leituras. Ao atravessar o campo nacional, *Cartas a*

uma negra ganha um novo repertório de recepção. Esse fenômeno se evidencia nas resenhas brasileiras em que diversos leitores acionam espontaneamente a figura de Carolina Maria de Jesus como chave de leitura da obra, demonstrando como referências literárias previamente conhecidas influenciam diretamente na recepção e no sentido atribuído ao texto de Ega.

Ao explorar as nuances do conceito de campo de Pierre Bourdieu (1993) quando analisado sob uma perspectiva transnacional, Sapiro (2019) aborda a literatura como um campo de produção cultural que tem a propriedade de ser, ao mesmo tempo, “nacional” e “internacional”. Como observa Bourdieu, escritores periféricos em relação ao centro literário francês oscilam entre a assimilação à literatura dominante e a afirmação de uma identidade própria (Bourdieu, 1985, apud Sapiro, 2019). Essa ambivalência ajuda a compreender a posição marginal de Françoise Ega no campo literário francês, onde sua obra não foi inicialmente alçada ao prestígio simbólico reservado à “grande literatura”, e muitas vezes foi lida como um testemunho individual e não como gesto literário político coletivo.

A edição brasileira de *Cartas a uma negra* opera uma mediação entre autor, obra e público leitor, conforme o sistema literário de Candido (2004), ressignificando a obra para o público local. A capacidade de Ega de transcender a barreira do francês para o português através do diálogo com a memória coletiva brasileira demonstra que as fronteiras culturais e simbólicas são mais decisivas para a recepção de *Cartas a uma negra* do que a barreira linguística. Isso porque a memória não é um fenômeno meramente individual, mas um processo socialmente enquadrado, onde as lembranças são construídas e compartilhadas por grupos (Halbwachs, 2006). Nessa perspectiva, a trajetória transnacional de *Cartas a uma negra* no Brasil evidencia a importância de se pensar a literatura como um sistema, nos termos propostos por Candido, inserindo-se em um contexto que articulou produção, circulação e recepção de forma estratégica.

Thompson (2013) aprofunda esse ponto de vista ao investigar a circulação das obras culturais, enfatizando os mecanismos de legitimação e o papel vital de agentes intermediários na construção do valor cultural dos textos. O mercado editorial, enquanto campo de lutas simbólicas onde agentes e instituições competem ativamente pela definição do que é culturalmente legítimo, tende a atribuir maior grau de legitimidade a

obras publicadas por agentes com um grau de capital simbólico consolidado por mediações como prêmios e políticas públicas.

Essa dinâmica é ilustrada pelo caso da editora Todavia, que demonstrou um aumento significativo na circulação de suas obras com a premiação de diversos títulos, especialmente com o Jabuti concedido a *Torto Arado*, obra de grande relevância que, em diálogo com *Cartas a uma negra*, retrata o racismo presente nas relações de exploração da mão de obra e da pobreza no sertão. A chegada da obra de Ega ao Brasil, nesse cenário é legitimada por uma casa editorial que acumula capital simbólico e credibilidade na publicação de livros que lançam luz sobre vivências racializadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um livro atravessa fronteiras, ele não apenas muda de idioma, mas se insere em novos imaginários e se torna parte de outras histórias. É nesse movimento que se inscreve a trajetória de *Cartas a uma negra*, de Françoise Ega: um livro que, embora escrito em francês nos anos 1960, encontrou no Brasil contemporâneo uma escuta mais atenta e um circuito de recepção mais potente do que em seu país natal. Esse processo evidencia que o reconhecimento da obra no Brasil foi impulsionado pela existência de um sistema literário em que editores, críticos, leitores e mediadores atuam na construção de sentido e prestígio. O sucesso de *Cartas a uma negra* no Brasil, evidenciado pelas 438 avaliações e 83 resenhas no Skoob, reforça o papel das escolhas editoriais na ativação de referências culturais que favorecem a recepção de um texto estrangeiro em um campo nacional periférico.

A editora Todavia moldou uma obra estrangeira para o espaço de recepção brasileiro, destacando elementos que potencializam a identificação local e se ancoram nos quadros sociais da memória. Essa mediação se manifesta, por exemplo, no posfácio, que aproxima a trajetória de Françoise Ega à de figuras como Carolina Maria de Jesus, evocando memórias coletivas culturais e estimulando camadas de referências históricas e afetivas que ecoam na experiência de suas leitoras. Ao fazer essa ponte, a editora mobiliza estratégias de contextualização e também seu capital simbólico acumulado pela publicação de obras como *Torto Arado*, um posicionamento que reforça a legitimidade da obra no mercado editorial brasileiro.

Sendo assim, a circulação de *Cartas a uma negra* entre campos nacionais distintos evidencia como as escolhas editoriais atuam como mediadoras simbólicas, capazes de solidificar intercâmbios transnacionais e afetivos. Na correspondência construída entre Ega e Carolina, a nacionalidade torna-se secundária diante da potência compartilhada das vivências, dos preconceitos enfrentados e dos afetos narrados. Como escreve a própria Ega à sua destinatária: “Nós não falamos o mesmo idioma, é verdade, mas o do nosso coração é o mesmo, e faz bem se encontrar em algum lugar, naquele lugar onde nossas almas se cruzam.” (Ega, 2021, p. 21). É nesse ponto de encontro que a literatura reafirma sua força como espaço de reconhecimento e transformação.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BABELIO. **Prix Babelio**. Disponível em: <https://abre.ai/babelioprix>. Acesso em 25 mai 2025.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 10. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2012.
- EGA, Marie Françoise. **Cartas a uma negra**. Todavia, 2021.
- GOOGLE. Gemini. Consulta realizada em: 11 jun. 2025. Disponível em: <https://gemini.google.com>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. Ática, 2015.
- SAPIRO, Gisèle. **A noção de campo de uma perspectiva transnacional: A teoria da diferenciação social sob o prisma da história global**. Tradução de Marcello G. P. Stella. São Paulo: Plural - Revista de Ciências Sociais, p. 233-265 jul/2029.
- SIQUEIRA, Samantha Vitória. **Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus e Cartas a uma negra, de Françoise Ega: uma literatura amefricana**. UFRGS, Porto Alegre, 2022.
- SOBOTA, Guilherme. **Skeelo completa a aquisição do Skoob e quer atualizar o ambiente da rede social**. Publish News. Disponível em: <https://shre.ink/skoobpublish> Acesso em 22 mai 2025.